

Obras Póstumas



Allan Kardec

PARTE I
CAPÍTULO XXII – BREVE RESPOSTA AOS
DETRADORES DO ESPIRITISMO

Índice

Assunto	Origem	Pagina
1. Breve Respostas aos detratores do Espiritismo	Obras Póstumas	03
IV Das Reuniões Espíritas	O Espiritismo na sua Expressão mais simples	06
25 O Espiritismo e a ciência	Depois da morte	07

Parte I

Capítulo XXII – Breve Resposta aos detratores do Espiritismo

I – Breve Resposta aos detratores do Espiritismo

É imprescritível o direito de exame e de crítica e o Espiritismo não alimenta a pretensão de subtrair-se ao exame e à crítica como não tem a de satisfazer a toda gente. Cada um é, pois, livre de aprovar ou rejeitar; mas, para isso, necessário se faz discuti-lo com conhecimento de causa. Ora, a crítica tem por demais provado que lhe ignora os mais elementares princípios, fazendo-o dizer precisamente o contrário do que ele diz, atribuindo-lhe o que ele desaprova, confundindo-o com as imitações grosseiras e burlescas do charlatanismo, enfim, apresentando, como regra de todos, as excentricidades de alguns indivíduos. Também por demais a malignidade há querido torná-lo responsável por atos repreensíveis ou ridículos, nos quais o seu nome foi envolvido incidentalmente, e disso se aproveita como arma contra ele.

Antes de imputar a uma doutrina a culpa de incitar a um ato condenável qualquer, a razão e a equidade exigem que se examine se essa doutrina contém máximas que justifiquem semelhante ato.

Para conhecer-se a parte de responsabilidade que, em dada circunstância, caiba ao Espiritismo, há um meio muito simples: proceder de boa-fé a uma perquirição, não entre os adversários, mas na própria fonte, do que ele aprova e do que condena. Isso é tanto mais fácil, quanto ele não tem segredos; seus ensinamentos são patentes e quem quer que seja pode verificá-los.

Assim, se os livros da Doutrina Espírita condenam explícita e formalmente um ato justamente reprovável; se, ao contrário, só encerram instruções de natureza a orientar para o bem, segue-se que não foi neles que um indivíduo culpado de malefícios se inspirou, ainda mesmo que os possuía.

O Espiritismo não é solidário com aqueles a quem apraza dizerem-se espíritas, do mesmo modo que a Medicina não o é com os que a exploram, nem a sã religião com os abusos e até crimes que se cometam em seu nome.

Ele não reconhece como seus adeptos senão os que lhe praticam os ensinamentos, isto é, que trabalham por melhorar-se moralmente, esforçando-se por vencer os maus pendores, por ser menos egoístas e menos orgulhosos, mais brandos, mais humildes, mais caridosos para com o próximo, mais moderados em tudo, porque é essa a característica do verdadeiro espírita.

Esta breve nota não tem por objeto refutar todas as falsas alegações que se lançam contra o Espiritismo, nem lhe desenvolver e provar todos os princípios, nem, ainda menos, tentar converter a esses princípios os que professam opiniões contrárias; mas, apenas, dizer, em poucas palavras, o que ele é e o que não é, o que admite e o que desaprova.

As crenças que propugna, as tendências que manifesta e o fim a que visa se resumem nas proposições seguintes:

1º O elemento espiritual e o elemento material são os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza, as quais se completam uma a outra e reagem incessantemente uma sobre a outra, indispensáveis ambas ao funcionamento do mecanismo do Universo.

Da ação recíproca desses dois princípios se originam fenômenos que cada um deles, isoladamente, não tem possibilidade de explicar.

À Ciência, propriamente dita, cabe a missão especial de estudar as leis da matéria.

O Espiritismo tem por objeto o estudo do elemento espiritual em suas relações com o elemento material e aponta na união desses dois princípios a razão de uma imensidade de fatos até então inexplicados.

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo XXII)

O Espiritismo caminha ao lado da Ciência, no campo da matéria: admite todas as verdades que a Ciência comprova; mas, não se detém onde esta última pára: prossegue nas suas pesquisas pelo campo da espiritualidade.

2º Sendo o elemento espiritual um estado ativo da Natureza, os fenômenos em que ele intervém estão submetidos a leis e são por isso mesmo tão naturais quanto os que derivam da matéria neutra.

Alguns de tais fenômenos foram reputados sobrenaturais, apenas por ignorância das leis que os regem. Em virtude desse princípio, o Espiritismo não admite o caráter de maravilhoso atribuído a certos fatos, embora lhes reconheça a realidade ou a possibilidade. Não há, para ele, milagres, no sentido de derrogação das leis naturais, donde se segue que os espíritas não fazem milagres e que é impróprio o qualificativo de taumaturgos que umas tantas pessoas lhes dão.

O conhecimento das leis que regem o princípio espiritual prende-se de modo direto à questão do passado e do futuro do homem. Cinge-se a sua vida à existência atual? Ao entrar neste mundo, vem ele do nada e volta para o nada ao deixá-lo? Já viveu e ainda viverá? Como viverá e em que condições? Numa palavra: donde vem ele e para onde vai? Por que está na Terra e por que sofre aí? Tais as questões que cada um faz a si mesmo, porque são para toda gente de capital interesse e às quais ainda nenhuma doutrina deu solução racional. A que lhe dá o Espiritismo, baseada em fatos, por satisfazer às exigências da lógica e da mais rigorosa justiça, constitui uma das causas principais da rapidez de sua propagação.

O Espiritismo não é uma concepção pessoal, nem o resultado de um sistema preconcebido. É a resultante de milhares de observações feitas sobre todos os pontos do globo e que convergiram para um centro que os coligiu e coordenou. Todos os seus princípios constitutivos, sem exceção de nenhum, são deduzidos da experiência. Esta precedeu sempre a teoria.

Assim, desde o começo, o Espiritismo lançou raízes por toda parte. A História nenhum exemplo oferece de uma doutrina filosófica ou religiosa que, em dez anos, tenha conquistado tão grande número de adeptos. Entretanto, não empregou, para se fazer conhecido, nenhum dos meios vulgarmente em uso; propagou-se por si mesmo, pelas simpatias que inspirou.

Outro fato não menos constante é que, em nenhum país, a sua doutrina não surgiu das ínfimas camadas sociais; em todos os lugares ela se propagou de cima para baixo na escala da sociedade e ainda é nas classes esclarecidas que se acha quase exclusivamente espalhada, constituindo insignificante minoria, no seio de seus adeptos, as pessoas iletradas.

Verifica-se também que a disseminação do Espiritismo seguiu, desde os seus primórdios, marcha sempre ascendente, a despeito de tudo quanto fizeram seus adversários para entravá-la e para lhe desfigurar o caráter, com o fito de desacreditá-lo na opinião pública.

É mesmo de notar-se que tudo o que não tentado com esse propósito lhe favoreceu a difusão; o arruído que provocaram por ocasião do seu advento fez que viessem a conhecê-lo muitas pessoas que antes nunca ouviram falar dele; quanto mais procuraram denegri-lo ou ridiculizá-lo, tanto mais despertaram a curiosidade geral, e, como todo exame só lhe pode ser proveitoso, o resultado foi que seus opositores se constituíram, sem o quererem, ardorosos propagandistas seus. Se as diatribes nenhum prejuízo lhe acarretaram, é que os que o estudaram em suas legítimas fontes o reconheceram muito diverso do que o tinham figurado.

Nas lutas que precisou sustentar, os imparciais lhe testificaram a moderação; ele nunca usou de represálias com os seus adversários, nem respondeu com injúrias às injúrias.

O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura.

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo XXII)

Mas, não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo sacerdote. Estes qualificativos são de pura invenção da crítica.

É se espírita pelo só fato de simpatizar com os princípios da doutrina e por conformar com esses princípios o proceder. Trata-se de uma opinião como qualquer outra, que todos têm o direito de professar, como têm o de ser judeus, católicos, protestantes, simonistas, voltairiano, cartesiano, deísta e, até, materialista.

O Espiritismo proclama a liberdade de consciência como direito natural; reclama-a para os seus adeptos, do mesmo modo que para toda a gente. Respeita todas as convicções sinceras e faz questão da reciprocidade.

Da liberdade de consciência decorre o direito de livre-exame em matéria de fé. O Espiritismo combate a fé cega, porque ela impõe ao homem que abdique da sua própria razão; considera sem raiz toda fé imposta, donde o inscrever entre suas máximas: Não é inabalável, senão a fé que pode encarar, de frente a razão em todas as épocas da Humanidade.

Coerente com seus princípios, o Espiritismo não se impõe a quem quer que seja; quer ser aceito livremente e por efeito de convicção.

Expõe suas doutrinas e acolhe os que voluntariamente o procuram.

Não cuida de afastar pessoa alguma das suas convicções religiosas; não se dirige aos que possuem uma fé e a quem essa fé basta; dirige-se aos que, insatisfeitos com o que se lhes dá, pedem alguma coisa melhor.

IV – Das Reuniões Espíritas (pg. 37)

39. Os Espíritos são atraídos pela simpatia, pela similitude dos gostos e do caráter, e pela intenção que faz desejada a sua presença. Os Espíritos Superiores não vão às reuniões fúteis, como um sábio da Terra não iria a uma assembleia de jovens estouvados; diz o simples bom senso que não poderia ser de outra forma.

Se, por vezes, aí comparecem é para dar um conselho salutar, combater os vícios e tentar reconduzir ao bom caminho; se não são ouvidos, retiram-se. Seria fazer idéia completamente falsa acreditar que Espíritos sérios pudessem sentir prazer em responder a futilidades e a questões ociosas, que nem provam apego nem respeito por eles, nem real desejo de instruir-se e, menos ainda, que pudessem dar-se em espetáculo para divertir curiosos. Se não o fizeram em vida, não o farão após a morte.

40. A frivolidade das reuniões tem por resultado atrair os Espíritos levianos, que apenas buscam ocasião para enganar e mistificar. Assim como os homens sérios não comparecem às assembleias levianas, os Espíritos sérios só vão às reuniões sérias, cujo objetivo é a instrução e não a curiosidade. É nas reuniões desse gênero que os Espíritos Superiores se comprazem em dar seus ensinamentos.

41. Do que precede, resulta que, para ser proveitosa, a primeira condição de toda reunião espírita é a seriedade e o recolhimento; que tudo aí se deve passar respeitosamente, religiosamente e com dignidade, caso se queira obter o concurso habitual dos bons Espíritos. Não se deve esquecer que se esses Espíritos aí se tivessem apresentado em vida, por eles teríamos dispensado considerações a que fazem jus ainda mais depois da morte do corpo físico.

42. É inútil alegar-se a utilidade de certas experiências curiosas, frívolas e divertidas, para convencer os incrédulos, pois o resultado que se obtém é completamente oposto. O incrédulo, naturalmente levado a zombar das crenças mais sagradas, não pode ver uma coisa séria naquilo de que se faz uma brincadeira; não pode inclinar-se a respeitar o que lhe é apresentado de maneira desrespeitosa.

É por isso que as reuniões fúteis e levianas, aquelas em que não há ordem, nem gravidade, nem recolhimento, causam-lhe sempre má impressão. O que o pode convencer, sobretudo, é a prova da presença de seres cuja memória lhe é cara.

É diante de suas palavras graves e solenes, de suas revelações íntimas que o vemos comover-se e empalidecer. Mas, assim como tem mais respeito, veneração e afeto pelo ser cuja alma lhe é apresentada, fica chocado, escandalizado por vê-la comparecer a uma assembleia irreverente, no meio de mesas que dançam e dos gracejos de Espíritos levianos.

Por mais incrédulo que seja, sua consciência repele essa aliança entre o sério e o frívolo, entre o religioso e o profano, razão por que tacha tudo isto de artimanha, saindo da reunião menos convencido do que se achava ao entrar.

As reuniões dessa natureza fazem sempre mais mal do que bem, pois afastam da Doutrina mais pessoas do que a ela conduzem, sem contar que se prestam à crítica dos detratores, que nelas encontram fundadas razões para a zombaria.

Depois da morte

(Léon Denis)

I – Breve resposta aos detratores do Espiritismo

25. O Espiritismo e a ciência (pg. 120, 121)

Os fenômenos do Espiritismo, tão importantes por seus resultados científicos e suas consequências morais, não têm sido, entretanto, acolhidos com todo o interesse que merecem.

A generalidade do público, depois de uma predileção passageira, recaiu na indiferença.

Mesmo entre os homens da Ciência, muitos, que nada tinham estudado, nada observado pessoalmente, desdenhando os testemunhos dos experimentadores, declaravam impossíveis e absurdas as manifestações. Já o dissemos, o homem, tantas vezes enganado, tornou-se céptico e desconfiado.

Entretanto, esse acolhimento pode parecer estranho, ao menos por parte de sábios, cuja missão, é de supor-se, consiste em estudar todos os fenômenos e em procurar suas causas e leis.

Mas, Isso não surpreenderá aqueles que conhecem a natureza humana e lembram-se das lições da História.

A novidade vem inquietar porque destrói teorias já afeiçoadas, velhos sistemas edificados com muita dificuldade; derriba situações obtidas e perturba comodidades, por necessitar de pesquisas e de observações para as quais já não há mais gosto.

O filósofo alemão E. Hartmann muito bem disse, em sua obra sobre o Espiritismo: “Os representantes oficiais da Ciência recusam-se a queimar os dedos com essas coisas, seja porque, em consequência de sua convicção atual sobre a infalibilidade da Ciência, se acreditem autorizados a decretar a priori o que é possível e o que é impossível, seja, simplesmente, porque não tenham nenhum desejo de trocar estudos especiais por outros que lhes são menos familiares.”

Os sábios são efetivamente homens, e, como todos os homens, têm suas fraquezas e suas prevenções. É preciso um verdadeiro heroísmo para acolher com imparcialidade fatos que vêm impor formal desmentido aos trabalhos de uma existência inteira, abalar uma celebridade laboriosamente conquistada.

Como todas as grandes descobertas, o Espiritismo devia receber o batismo das humilhações e da prova. Quase todas as ideias novas, particularmente as mais fecundas, têm sido escarnecidas, insultadas em seu aparecimento, rejeitadas como utopias. As descobertas do vapor e da eletricidade e mesmo o estabelecimento de estradas de ferro foram, por muito tempo, qualificados de mentiras e de quimeras.

A Academia de Medicina de Paris rejeitava, a princípio, a teoria de Harvey sobre a circulação do sangue, como repelia mais tarde o Magnetismo. E, enquanto essa academia declarava que o Magnetismo não existia, a Academia de Viena proscovia o seu uso como perigoso. Com que zombarias os sábios não saudaram, em época mais recente, as descobertas de Boucher de Perthes, o criador da antropologia pré-histórica, ciência hoje consagrada, e que derrama tão vivas luzes sobre a origem das sociedades humanas! Todos os que têm querido libertar a Humanidade da sua ignorância, revelar os segredos das forças naturais ou das leis morais, todos esses viram erguer-se diante de si um calvário, e têm sido embebidos com fel e ultrajes.

Galileu esteve preso; Giordano Bruno foi queimado; Jesus, crucificado; Watt, Fulton e Papin foram injuriados; Salomão de Caus ficou encarcerado entre loucos. Hoje, não se prende, não se queima, nem mais se proscovia por crime de opinião, porém o sarcasmo e a ironia são ainda formas de opressão. Por causa da coligação das classes sacerdotais e sábias, certas ideias têm necessitado de uma vitalidade inaudita para se desenvolverem.

Mas, as ideias, como os homens, engrandecem-se na dor. Cedo ou tarde, a verdade triunfa das Infalibilidades conjuradas! Depois de evocadas essas penosas recordações, depois de conjeturarmos sobre as indecisões sucessivas do pensamento, lembrando-nos do acolhimento feito, no passado, as ideias, as descobertas que, centuplicando o poder do homem, asseguraram seu triunfo sobre a natureza cega; depois de termos traçado as reações do espírito de rotina, erguendo-se contra os inovadores, não haverá fundamentos para pedir aos detratores do Espiritismo um pouco de paciência e de reflexão, antes de condenarem sem exame, não diremos

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo XXII)

ideias, especulações gratuitas do pensamento, mas fatos, fatos de observação e de experiência? Cada passo que se Imprime à frente lembra ao homem seu pouco saber. As nossas conquistas científicas não são mais que esboços provisórios, superiores à ciência dos nossos pais, mas que serão substituídas por novas descobertas e novos conhecimentos.

O tempo presente não é senão uma estação na grande viagem da Humanidade, um ponto na história das gerações.

A utopia de ontem torna-se a realidade de amanhã O homem pode gloriar-se de ter contribuído para aumentar a bagagem Intelectual do passado. Ninguém deve jamais dizer: o que ignoro ficará sempre oculto.

Comparemos o modesto domínio da Ciência com o Infinito das coisas, com os campos ilimitados do desconhecido, que ainda nos resta explorar. Essa comparação ensinar-nos a sermos mais circunspectos em nossas apreciações.